

PLATÃO

O MITO DA

CAVERNA

EDIÇÃO BILÍNGUE – PORTUGUÊS/GREGO



Veríssimo

O MITO DA CAVERNA



PLATÃO

O MITO DA

CAVERNA

EDIÇÃO BILÍNGUE
PORTUGUÊS-GREGO

Tradução
Alexandre Pires Vieira

Veríssimo

SOBRE O AUTOR

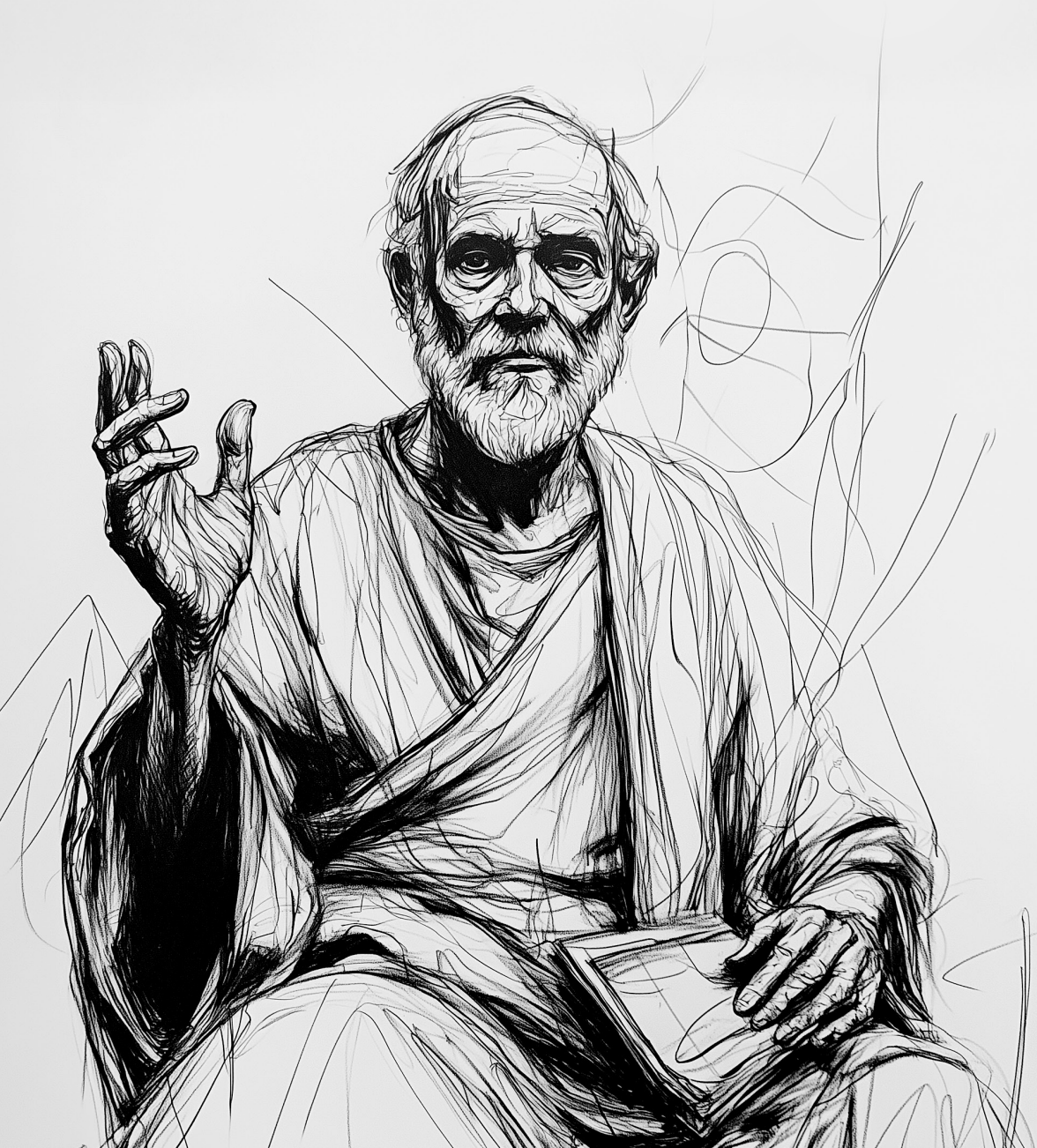
Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Ele é considerado a figura central na história do grego antigo e da filosofia ocidental, juntamente com seu mentor, **Sócrates**, e, seu pupilo, **Aristóteles**.

Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental, e tem sido frequentemente citado como um dos fundadores da religião ocidental, da ciência e da espiritualidade. O assim chamado neoplatonismo de filósofos como Plotino e Porfírio influenciou Santo Agostinho e, portanto, o cristianismo, bem como as filosofias árabe e judaica.

Platão era um racionalista, realista, idealista e dualista e a ele têm sido associadas muitas das ideias que inspiraram essas filosofias mais tarde. Foi o inovador do diálogo escrito e das formas dialéticas da filosofia. Também parece ter sido o fundador da filosofia política ocidental. Sua mais famosa contribuição leva seu nome, platonismo (também ambigualmente chamado de realismo platônico ou idealismo platônico), a doutrina das Formas conhecidas pela razão pura para fornecer uma solução realista para o problema dos universais. Ele também é o epônimo do amor platônico e dos sólidos platônicos. Alguns já alegaram que seu nome verdadeiro tenha sido Aristóteles.

Acredita-se que suas influências filosóficas mais decisivas tenham sido da mesma linha de Sócrates, do pré-socrático Pitágoras, Heráclito e Parmênides, embora poucas obras de seus antecessores permaneçam íntegras e

muito do que sabemos sobre essas figuras hoje derive do próprio Platão. Ao contrário do trabalho de quase todos os seus contemporâneos, acredita-se que o corpo inteiro de trabalho de Platão tenha sobrevivido intacto por mais de 2400 anos. Embora sua popularidade tenha oscilado ao longo dos anos, os trabalhos de Platão nunca ficaram sem leitores desde a época em que foram escritos.



INTRODUÇÃO

O Mito da Caverna é um dos textos filosóficos mais lidos de todos os tempos, extraído do clássico de Platão *A República*, e narra um diálogo entre o Glauco, irmão de Platão, e Sócrates, seu mentor, sendo um permanente convite à reflexão.

O Mito da Caverna é uma poderosa metáfora que explora a natureza do conhecimento, da realidade e da jornada filosófica em direção à iluminação. É uma das passagens mais conhecidas e influentes da história da filosofia. Nesse texto, Platão descreve um grupo de prisioneiros acorrentados em uma caverna desde o nascimento, com seus rostos voltados para a parede do fundo. Eles nunca viram o mundo exterior e acreditam que as sombras projetadas na parede pelas figuras que passam são a única realidade.

Na Caverna de Platão, os prisioneiros são dispostos em fila em uma caverna escura desde a infância. Eles estão acorrentados de forma que não podem mover seus corpos, e suas cabeças também estão presas de forma que só podem olhar para frente, em direção a uma parede. Eles podem ouvir e falar, mas não podem ver uns aos outros nem a si mesmos. Atrás deles há uma fogueira. A luz do fogo mostra as sombras dos prisioneiros na parede. Entre eles e a fogueira, há pessoas e animais encenando uma peça realista que também projeta sombras na parede. Os prisioneiros veem apenas as sombras, mas ouvem todos os sons. Naturalmente, eles acham que o mundo é composto de sombras na parede e que eles próprios são sombras na parede. Eles conversam entre si e interagem, e tudo faz sentido para os prisioneiros, que pensam que todas as imagens na parede são como eles próprios. Os prisioneiros até

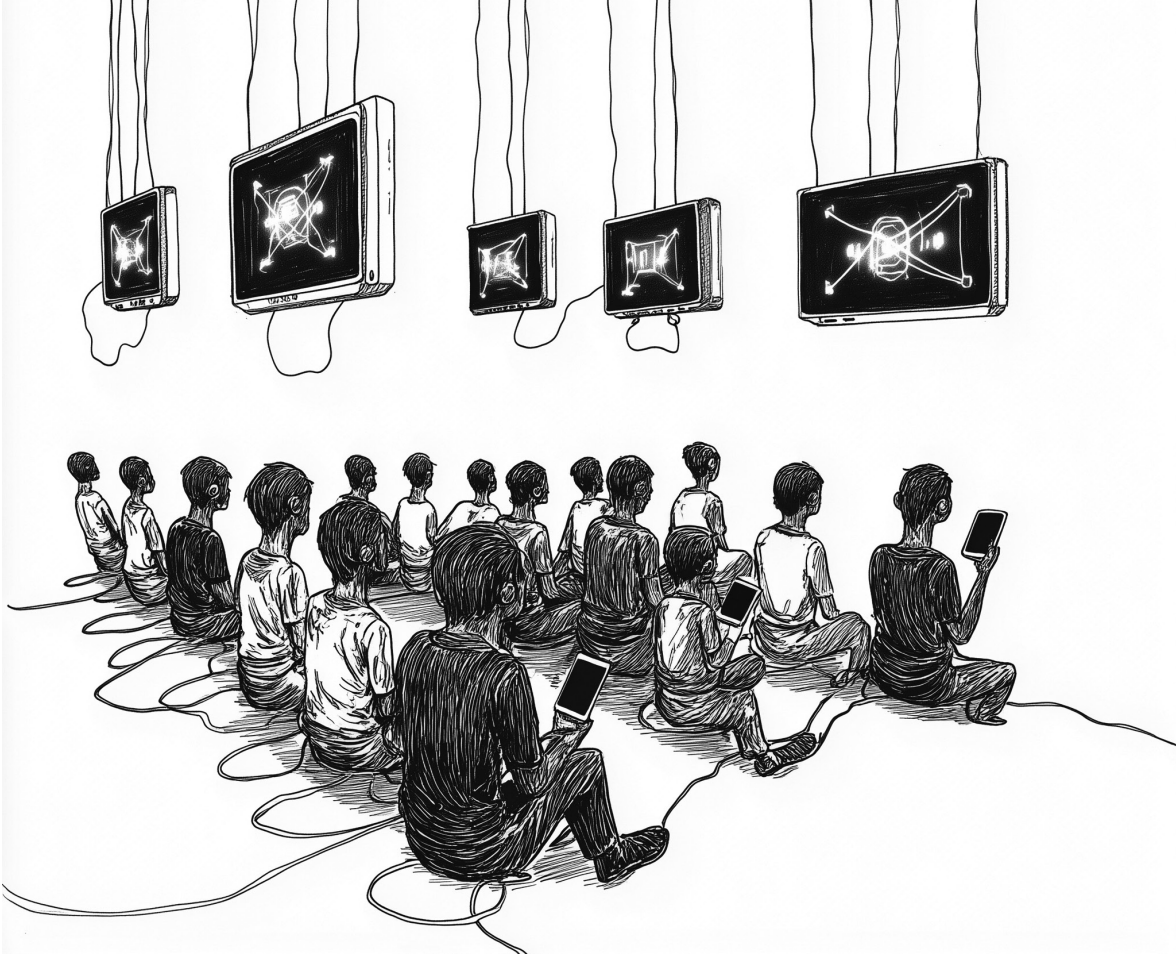
se conhecem por meio das sombras que veem e das vozes que ouvem e ganham status por sua capacidade de reconhecer outras sombras e prever o que elas farão.

Agora imagine que um dos prisioneiros seja libertado. Seus grilhões caem no chão e ele pode virar a cabeça. Ele vê os outros prisioneiros sentados em uma fileira, acorrentados ao chão, e fica horrorizado. Ele também vê os atores e os animais entre os prisioneiros e o fogo. Vê a abertura da caverna e se aventura a sair. Fica cego com a luz, mas finalmente vê o quadro geral: durante toda a sua vida, esteve sentado em uma caverna, acorrentado ao chão, acreditando que a parede era tudo. Agora ele percebia que a cena na parede é guiada principalmente por alguns atores, com os prisioneiros fazendo comentários. Agora ele vê as oportunidades no mundo real.

Ele se sente no dever de voltar e informar os prisioneiros sobre a situação e tentar libertá-los. Primeiro, tenta explicar a existência dos mestres de marionetes, mas é improvável que os mestres corroborem sua história, pois eles obtêm muitos benefícios pessoais com o modo atual do mundo. Em seguida, ele tenta explicar como o sistema é organizado com os prisioneiros e a caverna. Tragicamente, descobre que os prisioneiros são mais resistentes do que ele esperava. A maioria não acredita nele – por que deveriam acreditar? Tendo se adaptado à luz externa, ele não consegue ver as sombras tão claramente quanto os outros. “Que idiota.” Tirar as correntes exige muito esforço, então a maioria deles permanece sentada. Essas são pessoas muito boas e bem-sucedidas em identificar, nomear e lidar com as sombras, por isso talvez não queiram sair. Há também aqueles que sentem a necessidade de sair. Sair não é fácil; requer muito aprendizado e uma reorientação dos valores de uma pessoa, que deixa de considerar o sucesso como a identificação de sombras e passa a considerar o sucesso como a movimentação no mundo real. Na vida real, os prisioneiros da Caverna de Platão são aqueles aprisionados ou escravos de seus salários e de sua cultura.

Os espectadores de filmes modernos irão perceber a mesma premissa no filme “The Matrix”, que retrata ideia semelhante. Outra analogia moderna seriam pessoas que creem na mídia e tomam aquilo que veem na tv ou leem nos jornais como a verdade e não como sombras projetadas. Aquele que se rebela contra esse engano e tenta avisar o próximo também é agredido, chamado de negacionista ou conspiracionista.

O mito da caverna simboliza a jornada do homem em busca da verdade e do conhecimento. Os prisioneiros representam a condição humana de



ignorância e ilusão, presos em uma realidade superficial e enganosa. O prisioneiro que é libertado e se eleva acima da caverna representa o sábio/filósofo que busca a verdade além das aparências e das convenções sociais.

Essa alegoria destaca a importância do questionamento, da reflexão crítica e da busca por conhecimento para alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. Ela nos convida a questionar nossas percepções e crenças, e a nos libertarmos das limitações impostas pela sociedade e pela ignorância, em busca de uma verdade mais essencial e significativa. O *Mito da Caverna* de Platão continua a ser uma metáfora poderosa e relevante, nos lembrando da importância do pensamento crítico, da busca da sabedoria e da expansão do nosso entendimento do mundo ao nosso redor.

Não aceite as correntes; saia da caverna.

ALEXANDRE PIRES VIEIRA
Valinhos, inverno de 2023

O MITO DA CAVERNA

LIVRO VII DE *A REPÚBLICA*

SÓCRATES – E AGORA deixe-me mostrar em uma alegoria até onde nossa natureza é instruída ou ignorante. Contemple pessoas vivendo em uma caverna subterrânea, que tem uma abertura para a luz; lá estiveram desde a infância com suas pernas e pescoços acorrentados para que não pudessem se mover, e só ver diante delas, sendo impedidas pelas correntes de girar a cabeça. Acima e atrás delas, uma fogueira está ardendo à distância e, entre a fogueira e os prisioneiros, há um caminho elevado; e você verá, se olhar, uma parede baixa construída ao longo do caminho, como o biombo que os marionetistas têm à sua frente, à frente do qual eles mostram os bonecos.

GLAUCO – Estou vendo.

SÓCRATES – E você vê homens passando ao longo do muro carregando todo tipo de vasos, estátuas e figuras de animais feitos de madeira e pedra e vários materiais, que aparecem sobre o muro. Alguns deles estão falando, outros silenciosos.

GLAUCO – Você me mostrou uma imagem estranha, e eles são prisioneiros estranhos.

SÓCRATES – Como nós, e eles veem apenas suas próprias sombras ou as sombras uns dos outros, que o fogo lança sobre a parede oposta da caverna.

GLAUCO – É verdade, como eles poderiam ver qualquer coisa além das sombras, se nunca lhes fosse permitido mover a cabeça?

SÓCRATES – E dos objetos que estão sendo transportados dessa maneira, eles só veriam as sombras?

GLAUCO – Sim, por Zeus!

SÓCRATES – E se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, eles não iriam supor que estavam nomeando o que realmente estava diante deles?

GLAUCO – Muito verdade.

SÓCRATES – E suponha ainda que a caverna tinha um eco que vinha do outro lado, será que eles não teriam a certeza de imaginar, quando um dos transeuntes falava, que a voz que eles ouviam vinha da sombra que passava?

GLAUCO – Não há dúvida.

SÓCRATES – A eles a verdade não seria literalmente nada mais do que as sombras das imagens.

GLAUCO – Isso é certo.

SÓCRATES – E agora olhe novamente, veja o que se seguirá naturalmente se os prisioneiros forem libertados e desabrigados do seu erro. No início, quando qualquer um deles for libertado e obrigado a levantar-se subitamente, e virar o pescoço, e caminhar, e olhar para a luz, sofrerá dores agudas; o clarão angustia-lo-á, e será incapaz de ver as realidades das quais, no seu estado anterior, tinha visto as sombras; e depois conceberá alguém a dizer-lhe que, o que viu antes era uma ilusão, mas que, agora, quando se aproxima do ser e o seu olho está voltado para uma existência mais real, tem uma visão mais clara, qual será a sua resposta? E pode ainda imaginar que o seu instrutor está apontando para os objetos enquanto eles passam e pedindo-lhe que os nomeie, será que ele não ficará perplexo? Não acreditará que as sombras que viu anteriormente são mais verdadeiras do que os objetos que lhe são agora mostrados?

GLAUCO – Muito mais verdadeiro.

SÓCRATES – E se for obrigado a olhar diretamente para a luz, não terá ele uma dor nos olhos que o fará desviar-se para tomar e acolher os objetos de visão que pode ver, e que conceberá ser na realidade mais nítida do que as coisas que lhe estão agora a ser mostradas?

GLAUCO – É verdade.

SÓCRATES – E suponha, mais uma vez, que ele é relutantemente arrastado para uma subida íngreme e acidentada, e mantido firme até ser forçado à presença do próprio sol, não é provável que sofra e fique irritado? Quando se aproximar da luz, os seus olhos ficarão deslumbrados, e não poderá ver nada do que agora chama de realidade.

GLAUCO – Não o conseguirá, pelo menos de imediato.

SÓCRATES – Ele terá de se habituar à visão do mundo superior. E primeiro verá melhor as sombras, depois os reflexos dos homens e outros objetos na água, e depois os próprios objetos; depois olhará para a luz da lua e das estrelas e para o céu coberto de lantejoulas; e verá o céu e as estrelas à noite melhor do que o sol ou a luz do sol de dia?

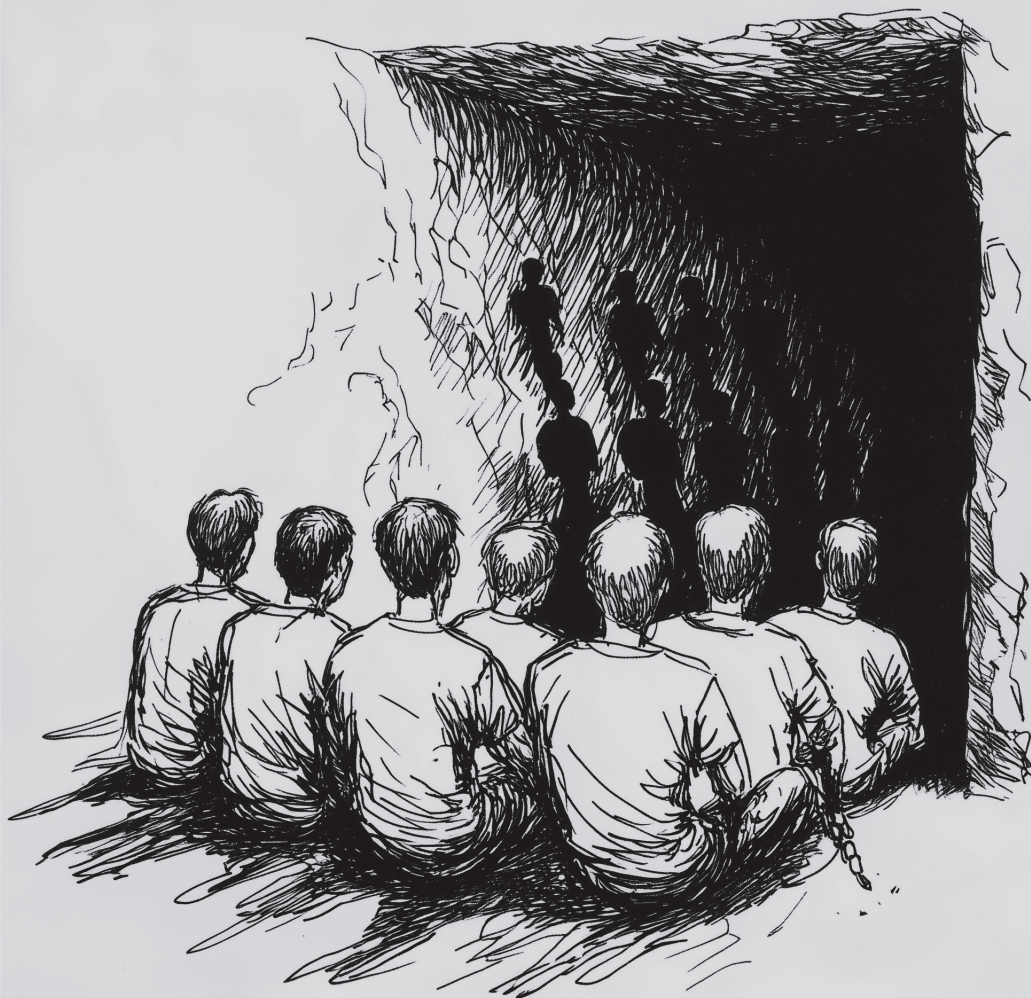
GLAUCO – Certamente que sim.

SÓCRATES – Por último, ele poderá ver o sol, e não meros reflexos dele na água, mas o verá em seu próprio lugar, e não em outro; e ele o contemplará como é.

GLAUCO – Certamente.

SÓCRATES – Então procederá a argumentar que é ele quem dá a estação e os anos e é o guardião de tudo o que está no mundo visível, e de certa forma a causa de todas as coisas que ele e seus semelhantes estão acostumados a contemplar?

GLAUCO – Obviamente ele veria primeiro o sol e depois pensaria sobre ele.



SÓCRATES – E quando ele se recordasse de sua antiga habitação, e da sabedoria daquela caverna, e de seus companheiros de prisão, você não acha que se sentiria feliz com a mudança e teria pena deles?

GLAUCO – Certamente que sim.

SÓCRATES – E se eles tivessem o hábito de conferir honras entre si àqueles que fossem mais rápidos a observar as sombras passageiras e a comentar quais deles foram antes, e quais seguiram depois, e quais estavam juntos; e quem, portanto, era mais capaz de tirar conclusões quanto ao futuro, você acha que ele se preocuparia com tais honras e glórias ou invejaria os seus possuidores? Ele não diria com Homero: *É melhor ser o serviçal miserável de um mestre pobre** e suportar qualquer coisa, em vez de pensar como eles pensam, e viver à sua maneira?

GLAUCO – Sim, eu acho que ele preferiria sofrer qualquer coisa do que entreter essas noções falsas e viver da maneira deplorável.

SÓCRATES – Imagine mais uma vez, alguém que saísse de repente do sol para ser recolocado em sua antiga situação; não teria ele a certeza de ter seus olhos cheios de escuridão?

GLAUCO – Com certeza.

SÓCRATES – E se houvesse uma competição, e ele tivesse que competir em medir as sombras com os prisioneiros que nunca haviam saído da toca, enquanto sua visão ainda estava fraca, e antes que seus olhos se estabilizassem (e o tempo que seria necessário para adquirir este novo hábito de visão poderia ser muito considerável) ele não seria ridículo? Os homens diriam dele que ele subiu e voltou sem seus olhos; e seria melhor nem mesmo pensar em subir; e se alguém tentasse pegar outro e levá-lo até a luz, bastava que pegassem o infrator, e o matassem.

GLAUCO – Sem dúvida o matariam.

* Referência a *Odisséia*, XI, 489.

SÓCRATES – Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna; a prisão é o mundo da visão, a luz do fogo é o sol, e você não me interpretará mal se interpretar a viagem para cima como sendo a ascensão da alma ao mundo intelectual de acordo com minha pobre crença, que, a seu desejo, eu expressei se com razão ou sem ela.* Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser compreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de correto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública.

GLAUCO – Concordo, na medida em que sou capaz de entendê-lo.

SÓCRATES – Além disso, você não deve se perguntar que aqueles que alcançam essa visão bem-aventurada não estão dispostos a descer aos assuntos humanos; pois suas almas estão sempre se apressando para o mundo superior onde desejam morar; cujo desejo é muito natural, se nossa alegoria puder ser confiável.

GLAUCO – Sim, muito natural.

SÓCRATES – E há algo surpreendente em alguém que passa das contemplações divinas ao estado perverso do homem, comportando-se de maneira ridícula; se, enquanto seus olhos cintilam e antes de acostumar-se com as trevas que o cercam, ele é obrigado a lutar nos tribunais, ou em outros lugares, sobre as imagens ou as sombras das imagens de justiça, e está se esforçando para encontrar as concepções daqueles que nunca viram justiça absoluta?

GLAUCO – Nada menos surpreendente.

SÓCRATES – Qualquer um que tenha bom senso lembrará que os distúrbios dos olhos são de dois tipos, e surgem de duas causas, tanto por sair da luz ou

* Não se sabe com exatidão a que Sócrates se refere, pode ser seu *daemon* particular.

por entrar na luz, o que é verdade tanto para o olho da mente, quanto para o olho do corpo; e aquele que se lembra disso quando vê alguém cuja visão é perturbada e fraca, não estará pronto a rir; primeiro perguntará se aquela alma do homem saiu da luz mais brilhante, e não é capaz de ver porque não está acostumada à escuridão, ou porque, tendo passado das trevas para o dia, está deslumbrada pelo excesso de luz. E ele se considerará feliz em sua condição e estado de ser, e terá pena do outro; ou, se ele tiver a disposição de rir da alma que vem de baixo para a luz, haverá mais razão nisso do que no riso que saúda aquela que volta de cima para o escuro dentro da caverna.

GLAUCO – Isso, é uma distinção muito justa.

SÓCRATES – Mas então, se eu estiver correto, certos filósofos devem estar errados quando dizem que podem colocar um conhecimento na alma que não a tem, como a visão em olhos cegos.

GLAUCO – Sem dúvida, eles dizem isso.

SÓCRATES – Enquanto nosso argumento mostra que o poder e a capacidade de aprender já existem na alma; e que, assim como o olho é incapaz de passar da escuridão para a luz sem o corpo inteiro, assim também o instrumento do conhecimento só pode ser transformado pelo movimento de toda a alma de se transformar no mundo do ser, e aprender aos poucos a suportar a visão do ser, e do mais brilhante e melhor do ser, ou em outras palavras, do bem.

GLAUCO – Muito verdadeiro.

SÓCRATES – E não deve haver alguma arte que efetue conversão da maneira mais fácil e rápida; não implantando a faculdade da visão, pois essa já existe, mas está voltada na direção errada, e está a desviar o olhar da verdade?

GLAUCO – Sim, tal arte pode ser assumida.

SÓCRATES – E enquanto as outras chamadas virtudes da alma parecem ser semelhantes às qualidades corporais, pois mesmo quando não são originalmente inatas, elas podem ser implantadas posteriormente por hábito e exercício, a virtude da sabedoria, mais do que qualquer outra coisa, contém um

